

OLIVIER LATRY À L'ORGUE DE NOTRE-DAME

Um dia, estava eu ao órgão numa celebração jubilar do pároco na paróquia de São Pedro Fins, na Maia, Diocese do Porto. Presidia o então Bispo do Porto, Dom Armindo Lopes Coelho. No final, como era costume seu, fez questão de agradecer às pessoas que tinham colaborado na celebração. À saída, reparou que eu me encontrava ali e disse-me: “Ah! Também estava cá? Desculpe não lhe ter agradecido, mas você estava escondido!...” Não é novidade para ninguém o fascínio que provoca qualquer concerto de Olivier Latry, seja em que órgão for, pois o domínio do repertório e de cada instrumento que ele estuda conscienciosamente antes de cada concerto¹ ou execução são logo patentes aos primeiros acordes. No entanto, há uma faceta da actividade do organista francês que é pouco conhecida. A sua fé profunda e convicta, a sua maneira de estar no ambiente da Liturgia, consciente do seu lugar de “servo escondido”, palavras dele, da mesma que assume essa “missão” com humildade e convicção. É conhecida a sua função de Organista da Catedral de Notre-Dame de Paris, desde os 22 anos de idade,² mas não é tão pública a forma como ele vive essa função, que vai muito para além do entusiasmo que provoca em todos os que frequentam a catedral parisiense mais para escutar os órgãos do que para participar na Liturgia. Não é essa a postura do organista, retratado num recente livro / entrevista *A l'Orgue de Notre-Dame* de que não resisti a apresentar alguns pequenos excertos, constantes das páginas 75-77 e 97-90: uma lição para todos os organistas litúrgicos, muitas vezes apostados em exhibir uma competência que não têm ou, se a têm, não é para ser exibida em tons de vedeta.

À pergunta sobre os momentos mais importantes vividos na Catedral Parisiense, o organista começava por responder: Conservo a lembrança perturbadora das ordenações sacerdotais. Aqueles momentos durante os quais os novos padres estão prostrados no pavimento da Catedral enquanto ressoa a *Ladainha de Todos os Santos*. Na acústica da Catedral, particularmente na tribuna do Grande Órgão, escutar a multidão respondendo “Rogai por nós” a uma após outra invocação do cantor, dá literalmente a impressão de que nesse momento são as próprias pedras que cantam [...] Não consigo recordar tudo: o concerto inaugural do Órgão em 1992; uma das primeiras vezes em que eu, enquanto ouvinte, assistia a uma procissão do 15 de Agosto. O gigantismo e a beleza do movimento já não pertencem ao momento presente. Lembro-me de ter escutado Pierre Cochereau, poucos dias antes da morte, a improvisar sobre o *Evangelho de São Mateus*.³ Lembro-me de todos esses instantes onde a palavra do sacerdote é, por si só, suficiente para encher a Catedral. E depois o Cardeal Jean-Marie-Lustiger (1926-2007),⁴ Arcebispo de Paris, que pregava longamente, raramente menos de meia hora. O alcance da sua

¹ Olivier Latry chega a passar seis a oito horas a preparar a registação para um concerto de uma hora. Procura encontrar as melhores sonoridades dos registos e respectivas combinações em cada órgão.

² Nascido a 22 de Fevereiro de 1962, foi nomeado, por concurso, após a morte prematura de Pierre Cochereau, com mais três organistas: Yves Devernay, Philippe Lefebvre e Jean-Pierre Leguay (p. 58).

³ Trata-se de uma celebração em que o Órgão vai respondendo com trechos de música à leitura de excertos do *Evangelho segundo São Mateus*. Estão editadas em duplo CD, Pierre Cochereau, *Un Testament Musical, Intégrale des 25 Improvisations sur l'Évangile selon Saint Matthieu*, Ed. Solstice.

⁴ Jean-Marie Lustiger era um judeu convertido, eminente teólogo e autor de vários livros, que foi arcebispo de Paris entre Janeiro de 1981 e Fevereiro de 2005.

exegese era luminoso. O sermão arrebatava-me e eu tinha que improvisar, traduzindo em cores o espírito e o fraseado das palavras. Frequentemente, isso transformava-se num exercício arriscado já que, depois do *Credo*, as poucas palavras que ele pronunciava antes do Ofertório, se projectavam num sentido diametralmente oposto ao do sermão antes pronunciado!.. A registação que eu preparara já não servia e, em menos de dez segundos, eu tinha que alterar tudo para intervir durante o Ofertório.

Em 1992, o primeiro trecho executado no concerto inaugural fora *Apparition de l'Eglise éternelle* de Olivier Messiaen, uma peça que abre em *crescendo* e mais tarde regressa ao silêncio. Eu acabara de concluir a minha intervenção com dois extractos de *La Nativité du Seigneur* do mesmo compositor. Quando, após o concerto, os três organistas desceram da tribuna, o Cardeal Lustiger veio ter comigo para me agradecer a escolha deste repertório preciso. Uma outra vez, antes da celebração da Missa, eu improvisava sobre o Coral *Nun komm der Heiden Heiland* (Vem, Salvador dos gentios) de Bach. O Cardeal Lustiger, visivelmente tocado pela música, iniciou a sua intervenção com base no que acabara de escutar. A sensibilidade musical desse homem de inteligência superior era admirável. Imaginai que, cada vez que ele celebrava a Eucaristia, uma lágrima lhe corria pela face...

Eu diria que cada intervenção do Órgão dependerá do tempo litúrgico e, mais precisamente, do que foi dito ou cantado: numa palavra, “vivido”. Um organista pode fazer ou desfazer uma atmosfera. Espero que minha posição nunca tenha correspondido ao segundo caso... Aconteceu-me, em alguns Domingos de manhã, chegar bastante cansado para as primeiras celebrações da manhã, depois de uma semana de trabalho, e regressar ao fim do dia na melhor forma. O mesmo acontece quando venho trabalhar à noite, depois de um dia esgotante. É muito misterioso. É o mesmo que se sente em lugares como a Abadia de Tournus⁵ quando, no caminho de peregrinação a Santiago de Compostela, se passa através da porta do peregrino. Está provado que as ondas telúricas que atravessam esse espaço concentram um enorme depósito de energia. Os construtores das catedrais sabiam perfeitamente disso. Essa passagem fortalece-vos, traz-vos a luz, e ajuda-vos a prosseguir a caminhada.

Nas celebrações em Notre-Dame, enquanto acompanhador do canto, normalmente, o Grande Órgão acompanha todos os refrões, ao passo que o Órgão de Coro acompanha os coros ou os solistas; nas grandes assembleias como são as celebrações diocesanas então os dois órgãos tocam ao mesmo tempo, com as mesmas harmonias, envolvendo literalmente a assembleia com a música. No que se refere à intervenção do órgão a solo, normalmente a entrada embebe a assembleia na atmosfera da celebração, podendo assumir diversas características de acordo com o tempo litúrgico e mesmo as leituras do próprio dia. O Ofertório, nomeadamente quando envolve a utilização de incenso, dá-nos

⁵ Situada na região da Borgonha, no leste da França, Departamento de Saône-et-Loire.

tempo para tocar uma obra mais consistente e não é raro que aproveitemos para improvisar uma Fuga ou um *Ofertoire sur les grands jeux* no estilo antigo.⁶ A Comunhão é sem dúvida o momento mais intenso da Missa; acompanhar a edificação espiritual dos fiéis nesse momento representa, para mim, uma graça continuamente renovada cuja importância tenho em consideração. Finalmente, a Saída⁷ traduz a alegria transbordante de acção de graças, um *Amen* ressonante onde podemos tirar partido de todas as possibilidades sonoras que o instrumento que temos a sorte de tocar nos proporciona. Aliás, não é raro que a assembleia, arrebatada pela música, fique ali a escutar a improvisação até à derradeira nota. A esse respeito, Camille Saint-Saëns dizia com graça: “A Fuga é um trecho que a gente toca à saída; à medida que as vozes vão entrando as pessoas vão saindo e quando todas as vozes entraram, já toda a gente saiu...” Pelo que me diz respeito, quando toco, prefiro criar emoções, entrar no mistério duma procura de cores,⁸ produzir sons o mais doces possível, que podem mesmo acabar por ser ainda mais fortes do que os sons mais potentes do instrumento, utilizando uma gama dinâmica inaudita. A invisibilidade acompanha de perto a humildade.

Como organista de Notre-Dame, juntamente com os meus outros colegas, sinto-me um beneficiado, e ocupar aquela tribuna será sempre um privilégio para mim. Mais ainda, eu sinto-me um “servo escondido”; cada vez que subo as escadas do coro, sonho com o grande número de pessoas anónimas cujo serviço levou à construção desta Catedral. A minha alegria é a de fazer cantar aquelas pedras que eles colocaram, e não a de adquirir um lugar na História. Penso então na parábola do *Evangelho de São Lucas* (Lc 17, 7-10) que evoca o “servo inútil”: ficar no seu lugar, não procurar glória ou reconhecimento. Considero a minha vocação musical com uma “missão” que espero servir o melhor possível entre dois mundos: o real e o espiritual. A meu ver (e a meu ouvir), o Órgão, pela noção de eternidade que não se extingue jamais, na medida em que cada nota executada, representa o “sopro divino”. Um organista é portanto, em sentido próprio e em sentido figurado um “passador de sopro”.⁹

⁶ Refere-se às *Missas de Órgão* características do repertório francês de F. Couperin, Nicolás de Grigny, etc. São normalmente peças longas, com secções contrastantes, mas sempre brilhantes e solenes.

⁷ Normalmente referenciada pelo termo universalizado de *Sortie*. Pode ser uma improvisação sobre o *Amen*, sobre o “*Ite, Missa est*”, sobre o cântico final ou até sobre uma música que marque um determinado acontecimento: Exemplo as *Sortie* sobre “*Adeste Fideles*” ou “*La Marseillaise*” de Pierre Cochereau.

⁸ Esta relação entre sons e cores lembra Olivier Messiaen que o organista muito apreciava e cuja obra completa gravou para a Deutsche Grammophon.

⁹ Não é fácil traduzir com eficácia a expressão “*passeur de souffle*” porque a palavra *souffle* tanto pode significar *respiração* como *fôlego*, como *sopro*, como ar, vento... No entanto, devemos entender a palavra no contexto do instrumento que é o órgão, com o ar passando pelos tubos. Não podemos deixar de recordar aqui a relação com a palavra hebraica “*ruah*” e grega “*pneuma*” que tanto significa ar, como sopro, como respiração como “*espírito*”, sendo mesmo utilizada para a pessoa divina do Espírito Santo. E

Para mim, tocar durante uma celebração ou durante um concerto assume finalidades inversas. No decorrer de uma celebração, o Órgão dirige-se a uma assembleia composta essencialmente de pessoas crentes: a música toca-lhes a alma a fim de lhes chegar ao coração; no concerto, o objectivo é o oposto: o intérprete toca o coração do público a fim de lhe elevar a alma.

Depois de uma passagem, nos capítulos seguintes, por toda a sua actividade de concertista, professor, projectista, consultor, em praticamente todo o mundo, durante mais de quarenta anos, regressa ao ambiente do organista litúrgico de Notre-Dame para tecer algumas considerações, de entre as quais salientaria: 1) a laicidade do Estado francês não permitir que, nas escolas públicas, se ensine qualquer matéria correspondente ao ofício do organista litúrgico; 2) em França, mesmo que os organistas ao serviço das grandes igrejas sejam remunerados, tal remuneração não é suficiente para viver... Daí o facto de os estes se dedicarem ao ensino e outras funções ou terem que andar a correr de um baptizado aqui, um casamento ali, para um funeral noutro lado. Ele próprio dedicou muito do seu tempo ao serviço de organista litúrgico gratuitamente, sobretudo nos primeiros tempos da sua actividade ou ainda durante os tempos de estudante, desde os 12 anos. Para terminar, refere que para um bom organista,

É certamente necessário tocar bem, mas também é preciso saber confrontar-se com toda a espécie de situações, não se importar de passar por cima de uma refeição, gerir desfasamentos de horários, ter inteligência, ser simpático, comunicar. *Comunicar!*... repete. Alguns músicos não o fazem de modo suficiente e outros fazem-no demais... E não há ironia da minha parte. Trata-se afinal de estar ao serviço da música ou de passar o tempo a olhar para o telemóvel? (p. 165).

E conclui o livro desta forma:

O órgão não deixa nunca de ser um cúmplice particularmente exigente: ele aguarda um despertar, mãos de artista, sonhos de músico, ao serviço da beleza e da fé.

Olivier Latry

assim, também a proximidade ao pensamento de Jeanne Demessieux, a sua condição de organista da Église du Saint-Esprit e a sua obra *Sept Méditations sur le Saint-Esprit*.